

## A IMAGEM DO RIO NA POESIA BRASILEIRA DO SÉCULO XX

Rita Maria de Abreu Maia\*  
Liana Macabu de Sousa Soares\*\*

*O presente artigo resulta de uma pesquisa de Iniciação Científica, em andamento no NECEL (CEFET Campos), que visa a estudar a presença do rio na poesia brasileira do século XX quer como tema ou paisagem, quer como imagem verbal que desenha as relações culturais do indivíduo com as águas continentais e as diferentes representações do espaço coletivo.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Rio. Imagem. Memória. Destino. Cultura.

A Geografia Cultural tem revelado, cada vez com maior interesse, traços da cultura de um povo, as diferentes representações do espaço coletivo, formas de relacionamento do indivíduo com a paisagem e, ainda, como são diversas as percepções de cada sujeito sobre um mesmo espaço e paisagem.

As percepções individuais sobre as paisagens que avistamos, ouvimos ou percebemos levam-nos a entender que o espaço define a cultura, embora se compreenda que a ação cultural do indivíduo interfira significativamente no espaço geográfico.

A paisagem, portanto, é matriz e marca cultural, pois que retém a atenção e torna-se suporte das representações, conforme definição de Augustin Berque (1984). Configura-se como matriz porque a forma e a

\* Doutora em Letras Vernáculas pela UFRJ, professora e pesquisadora do NECEL/CEFET Campos.

\*\* Licencianda em Geografia pelo CEFET Campos e bolsista do PIBIC/CNPq no NECEL/CEFET Campos.

organização que a estruturam contribuem para transmitir usos e significações de uma geração à outra. A paisagem é marca na medida que o grupo social modifica o espaço que habita e nele inscreve sua presença, suas atividades, seu modo de ser e de pensar.

Desta forma, na esteira de James Duncan (1990) que vê na paisagem um texto a ser lido, tomamos o rio como texto no tecido literário de nossas letras, captando-o como expressão da cultura em que está ele situado e como imagem, paisagem verbal, viva e recorrente no cenário poético brasileiro.

Realidade geográfica de importância indiscutível, os rios, nos países colonizados pelo europeu, têm desempenhado um papel fundamental tanto no que diz respeito à configuração e ao povoamento das regiões, quanto no desenvolvimento histórico e econômico das zonas e países atravessados pelos grandes rios do continente americano. Sem esquecer, por certo, o impacto determinante no âmbito de suas representações poéticas e de suas modalidades na construção do imaginário latino-americano.

Nesta pesquisa em andamento no NECEL (CEFET Campos) recolhemos poemas e autores do século XX. Dos autores pinçados, apenas Manuel Bandeira, Mário de Andrade e João Cabral de Melo Neto foram aprioristicamente escolhidos pela presença intensa dos rios de suas regiões em suas obras. Os demais autores e respectivos textos foram procurados como seixos em rios. Intuição, acaso, curiosidade e leitura foram instrumentos importantes. Houve, entretanto, um caminho traçado, uma expedição exploradora que delimitou os rumos do trabalho. Inicialmente, a presença do vocábulo *rio* no título dos poemas deu a coordenada. Depois, buscaram-se poemas que escolheram um de nossos rios como tema poético. Finalmente localizaram-se poesias em que o termo *rio* surge como metáfora e manifestação de sentimentos e inquietações humanas, sem preocupação

com a notoriedade e/ou importância literária do autor. Embora não se abandonem as perspectivas geográfica e histórica e nem a civilizacional, tendemos a enfocá-lo literariamente, pondo em evidência suas facetas simbólicas e as realizações imaginárias, na configuração de seus universos textuais.

A matriz literária desse *topos* bebe, sem dúvida, na fonte das cantigas medievalistas. A *Canção Ribeirinha*, de Paio Soares de Taveirós, datada de 1148, tem sido reconhecida como o primeiro texto da literatura galego-portuguesa. Embora o rio não seja ali o tema cantado, o eu lírico canta a amada que, provavelmente, se encontrava às margens de um riacho quando flechou o coração do cantador ou, quem sabe?, talvez residisse à beira de um rio e fosse, por isso, a “ribeirinha”. Inúmeras cantigas revelam o rio como esse espaço de encontro, real ou literariamente fingido, entre a *persona* poética e o objeto de desejo e de louvor dos trovadores. As fontes e os riachos eram visitados por jovens e mulheres da plebe em busca de água limpa para os senhores beberem ou se lavarem, além de serem lugar de encontros furtivos e proibidos.

Não é de se estranhar, portanto, que o rio seja um tópico recorrente na produção literária de língua portuguesa. Avaliar a extensão de sua presença é nossa ambição, recortamos, como já dissemos, a produção poética do século XX. Entendemos, porém, a necessidade de precisar o que adotamos como tópico, ou *topos*. W. Kayser em *Análise e interpretação da obra literária* define *topos* como “clichês fixos ou esquemas do pensar e da expressão” (1958, p.101). Ernest Robert Curtius, em *Literatura européia e Idade Média Latina*, chama *topos* qualquer repetição de idéia, de imagem poética, de atitude literária, de concepção da realidade. Por sua vez, o professor Segismundo Spina, depois de levar em consideração a compreensão que a Retórica faz de *topos*, distinguindo-o de *topoi koinoi*, lugares comuns, conclui:

O topos (que também se diz tópico) será, portanto, uma designação genérica, que compreenderá, não apenas esquemas de pensamento, de sentimento, de atitude, de argumentação, como ainda os próprios esquemas na sua forma estereotipada. (SPINA, 1966, p. 47).

Prossegue esclarecendo, ainda, sua idéia de estereótipo que poderá interessar mais adiante: “[...] o estereótipo será o topos na sua forma tanto quanto possível fixa, isto é, no seu estado matriz. O estereótipo surge, pois, do topos cristalizado, do topos que se definiu na sua forma de expressão” (SPINA, 1966, p. 47). Depois de insistir na diferenciação de estereótipo e lugar-comum, o professor da USP, aponta a diferença entre *topos* e *motivo*, apoiando-se também nos preceitos de Kayser que vê o motivo como “uma situação, uma figura, um esquema, típicos que se repetem” (KAYSER *apud* SPINA, 1966, p. 49). O motivo pode ser o pretexto poético, a força motriz. Todavia, na prática, pode ocorrer a perda da diferenciação de forma que o que era motivo pode tornar-se tópico. Logo, em nossa pesquisa, o rio tanto pode ser entendido como topos quanto como motivo. Neste artigo, destacamos alguns poemas em que o rio é, ao mesmo tempo, topos e motivo. É imagem e conteúdo temático da poesia. É o rio. É a metáfora do rio.

É o caso ilustrativo do poema *O rio* (1953) de João Cabral de Melo Neto, uma de suas mais prosaicas poesias, dado o caráter narrativo que o caracteriza. Dividido em 29 segmentos, o texto apropria-se da técnica narrativa dos antigos romancistas da tradição ibérica, para, em primeira pessoa, dar voz ao Rio Capibaribe que narra suas vivências históricas e sociais da nascente à cidade de Recife. Como um cantador popular, valendo-se de freqüentes repetições da modalidade oral da linguagem, o sujeito poético identifica-se com o drama nordestino. Transcrevemos o fragmento inicial de *O Rio*:

Sempre pensara em ir  
caminho do mar.  
Para os bichos e os rios  
nascer já é caminhar.  
Eu não sei o que os rios  
tem de homem do mar;  
sei que se sente o mesmo  
e exigente chamar.  
Eu já nasci descendo  
a serra que se diz do Jacarará,  
entre caraibeiras  
de que só sei por ouvir contar  
(pois, também como a gente,  
não consigo me lembrar  
dessas primeiras léguas  
de meu caminhar). [...]  
Rio menino, eu temia  
aquela grande sede de palha,  
grande sede sem fundo  
que águas meninas cobiçava.  
Por isso é que ao descer  
caminho de pedras eu buscava,  
que não leito de areia  
com suas bocas multiplicadas.  
Leito de pedra abaixo  
rio menino eu saltava.

Em Cabral tem-se, também, o rio, ao mesmo tempo, como caminho para um espaço mais fértil, menos árido, e como medida da extensão da seca, a catástrofe recorrente na vida dos nordestinos. O auto-natalino *Morte e Vida Severina*, em que o rio Capibaribe, mais uma vez, traça as rotas, é ilustrativo da tragédia sertaneja. Em suas margens, a viagem dos retirantes fugindo da seca realiza-se. O rio poderia oferecer a direção, a saída, a esperança, a travessia. Além do sentido de orientação, sua imagem expressa a errância de quem nasceu em condições socialmente adversas e que termina por viver sem paradeiro e sem descanso, buscando

incessantemente a contraparte de uma vida Severina a exemplo das personagens de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Termina, entretanto, por conduzir à amargura, à frustração em um novo *locus*, o urbano, possivelmente tão marginal quanto o outro.

O rio como tema simbólico e arquetípico transmitindo idéia de jornada, de percurso, está intensamente presente na linguagem de Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*, no qual o rio São Francisco corta e fertiliza o espaço de questionamento da condição humana, o sertão, para oferecer a direção, descobrir veredas novas e recuperar outras. Também no emblemático conto roseano *A Terceira Margem do Rio*, o rio, ao lado do pai, adquire contorno irreal e desconhecido, quando o narrador, veladamente os aproxima – pai e rio – no início da narrativa:

Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto.  
[...] o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. (grifos nossos).

O rio, na literatura de Rosa, aponta para um sentido simbólico semelhante ao atribuído à água pelos antigos alquimistas: princípio de fluidez, fertilidade; umidade mórbida e geradora ao mesmo tempo; mais sutil que a matéria porque pode elevar-se como vapor; elo entre o imanente e o transcendente, como configura o, já consagrado, *Dicionário de Símbolos* de Chevalier. Nesse conto “A terceira margem do rio”, do livro *Primeiras Estórias*, a noção de espaço subverte todas as concepções usuais do pensamento ocidental moderno, paradigmaticamente cartesiano, que concebe o conhecimento apenas como evidente e certo, claro e preciso:

[...] nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite [...]  
[...] Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem em ilhas e coroas do rio [...]

Rosa instaura um espaço inusitado ao “descobrir” uma terceira margem, que seria no “ao-longe”, ou “na vagação, no rio, no ermo”, onde o pai se exila. O pai era presença e ausência, estava “perto e longe da família dele”. Para o narrador e todos os vizinhos o acontecimento não se explica, o que estremece, na expressão do narrador, toda a gente. Convite à passagem ou travessia, a terceira margem remete a um meio-termo não localizável, de modo que surge daí a busca por um sentido simultaneamente singular e universal, propondo a desconfiança em um caminho estreito e convencional. O estudioso italiano de literatura brasileira Ettore Finazzi-Agrò configura essa terceira margem como um centro ou um meio-termo entre o dentro e o fora, entre o bom e o ruim, levando a narrativa até o infinito.

Em um poema de 1977, Carlos Drummond de Andrade revela sua preocupação com as carências do rio São Francisco, em *Águas e mágoas do rio São Francisco*, em consequência da ação depredadora do homem, em nome da modernização e do bem-estar econômico:

Está secando o velho Chico.  
Está mirrando,  
Está morrendo.  
[...]  
Cansou-se de gaiolas  
E literatura encomiástica  
E mostra o leito pobre,  
As pedras, as areias desoladas  
Onde nenhum minhocão ou  
cachorrinha-d'água,  
Cativados a naco de fumo forte,  
Restam para semente  
De contos fabulosos e assustados.  
[...]  
e na segura da terra  
e no barro que ele deixa  
onde Martius viu seu reino,

na carranca dos remeiros  
(memória de poucas carrancas  
há muitas peças de living),  
nas tortas margens que o homem  
não soube retificar  
(não soube ou não quis?  
paciência),  
de pontes sobre o vazio,  
na negra ausência de verde,  
no sacrifício das árvores  
cortadas, carbonizadas,  
no azul, que virou fumaça,  
nas araras capturadas  
que não mandam mais seus  
guinchos  
à paisagem de seca  
(onde o tapete de finas  
gramíneas, dos viajantes  
antigos?),  
no chão deserto, na fome  
dos subnutridos nus,  
não colho qualquer resposta,  
nada fala, nada conta  
das trituradas e renúncias,  
dos desencantos, dos males,  
das ofensas, das rapinas  
que no giro de três séculos  
fazem secar e morrer  
a flor de água de um rio.

Nesse poema, o poeta mineiro de Itabira antecipa denúncias contra o descuido do homem com o ecossistema, demonstrando como a visão profética de um poeta pode antecipar-se a dos homens comuns, desacostumados ainda a entender que o desenvolvimento e o progresso não merecem o preço da depredação ambiental.

Essa não foi a razão poética que mobilizou Marcos de Castro Carvalho a cantar as belezas do Rio Formoso. Em *Momento sobre o rio*

– (*o quão formoso*), capta um instante em que a experiência de linguagem consegue verbalizar o impacto que a beleza do rio, da região de Bonito, no Centro-Oeste brasileiro, provoca no sujeito lírico:

Sob o rio porventura  
Abaixo da celeste neste azul  
Do céu  
Sobre o rio nada hipótese  
Fundo rendilho da luz  
Do calcário  
Esqueça-te  
Sob a lâmina afiada que toro  
Repousado no galho morador deste rincão  
Sobre ávida a mata ciliar  
Que abraça e se joga ao rio de imagens  
Esqueça-te  
(neste rio que lava-te a alma...)

Do Nordeste do Brasil, *Rio Macacos*, de Soares Feitosa, poeta de Fortaleza, respeitado professor universitário, comparece. O eu lírico vem “cobrar notícias da primeira gota gotejada da folha” que desapareceu com a seca e não provocou comunhão necessária que mataria a sede e a fome do sertão ao descer das águas milagrosas:

Três léguas entre minha aldeia e a fazendola,  
uma estradinha de pedregulho serpenteia  
e três vezes atravessa o mesmo rio.  
Porque as vertentes disseram às águas  
— Desçam!  
E as águas desceram!  
Agora venho cobrar notícias da primeira gota gotejada  
da folha,  
grossa folha de jatobá mais alto,  
porque me consta que ela caiu da mais alta  
numa folha mais abaixo, talvez num ninho ela caiu,

e mais outras gotas e outras se molharam em comunhão  
de copas, cópulas se criar, sob o relâmpago subitamente  
emudecido  
— Desçam!  
E as águas desceram!  
Nem precisou do trovão para assustá-las,  
Elas já vinham descendo...  
— Desçam!  
E entre vertente e mar  
(o mar que sobe e desce todas as manhãs),  
quem o segura  
E entre montanhas e mar, mexo-me eu,  
Entre as vertentes da Serra Branca e a Volta-do-Rio,  
Macacos, eis-me o rio, o rio Macacos  
(estas alpercatas pisadeiras pisaram chão de vasto mundo),  
três vezes cruzava a estrada de terra o mesmo rio, ou,  
se preferem, três vezes o rio é quem cortava;  
os rios cortam! [...]

Cora Coralina, poeta de Goiás Velho, por sua vez, também homenageia “o rio que corre por sua aldeia”, como parte irretocável de sua existência e de sua identidade com a vida que a circunda:

Longe do Rio Vermelho  
Fora da Serra Dourada.  
Distante desta cidade,  
Não sou nada, minha gente.  
[...]  
Rio Vermelho das janelas da casa velha da ponte...  
Rio que se afunda debaixo das pontes.  
Que se reparte nas pedras.  
Que se alarga nos remansos.  
Esteira de lambaris.  
Peixes cascudo nas locas.  
Rio, vidraça do céu.  
Das nuvens e das estrelas.  
Tira retrato da Lua. [...]

Do Sudeste do país, Mário de Andrade, no primeiro quartel do século XX, medita sobre o rio Tietê. O eu lírico, a noite e o rio refletem-se. O rio reverbera a noite, a noite projeta-se no rio e a alma do poeta é água noturna. Na noite, no rio, o sujeito afoga seu exausto coração. Em *A Meditação sobre o Tietê*, o autor de *Paulicéia Desvairada* adota um tom confessional e indagador diante do rio como expressão emblemática de sua ligação indissolúvel com a cidade de São Paulo e, por que não?, com o Brasil. Ao contrário de seu irreverente e inquieto parceiro de *Semana de Arte Moderna*, Oswald de Andrade, Mário opta por se assentar na terra e nela permanecer:

É noite. É tudo noite. Debaixo do arco admirável  
Da Ponte das Bandeiras o rio  
murmura num banheiro de água pesada e oleosa.  
É noite e tudo é noite. Uma ronda de sombras,  
soturnas sombras, enchem de noite tão vasta  
o peito do rio, que é como se a noite fosse água,  
água noturna, noite líquida, afogando as apreensões  
as altas torres do meu coração exausto.  
[...]  
Mas porém, rio, meu rio, de cujas águas eu nasci,  
eu nem tenho direito mais de ser melancólico e frágil,  
nem de me estrelar nas volúpias inúteis da lágrima!  
Eu me reverto às tuas águas espessas de infâmias,  
oleosas, eu, voluntariamente,  
sofregamente, sujado  
de infâmias egoísmos e traições. E as minhas vozes,  
perdidas no seu tenor, rosnam pesadas e oleosas,  
varando terra adentro no espanto dos mil futuros  
à espera angustiada do ponto. Não dou meu ponto final!  
Eu desisti! Mas do ponto entre as águas e a noite,  
daquele ponto real entre a terrestre pergunta do homem,  
de que o homem há de nascer.

Sem premetidar um mapeamento fluvial e poético das regiões brasileiras, acolhemos a espontânea idéia traçada e trazemos ao texto em

elaboração um poema do amazonense, Alcides Werk. Nele o sujeito lírico está suspenso ao fio das águas que sobem e vitimam as gentes ribeirinhas. O rio das águas grandes, ao contrário do Capibaribe de João Cabral e de Manuel Bandeira, não seca, transborda, trazendo a fome e realçando a miséria:

*Das águas grandes*

O barco passando, e a onda  
molhando  
o menino molhado, na porta da frente.  
O homem doente  
deitado na rede  
com os olhos cansados de espanto e  
de mágoa  
de ver tanta água  
de ver tanta água  
bebendo sangue, roendo as raízes  
de tudo o que fez.  
Na estreita maromba,  
os bichos chorando de fome e de frio,  
com medo do rio  
com medo do rio que cresce outra vez.  
(Quando eu for presidente,  
de amplos e amorosíssimos poderes,  
decretarei  
sem visto de congresso,  
nem processo  
canonizando santos nacionais  
os mártires da enchente.  
Convocarei um exército de anjos  
para domar o rio e o desvario  
dos prováveis dilúvios anuais.  
Mesmo assim por razões de providência,  
visto que temos mártires demais  
e precisamos de gente,  
levarei meus irmãos pra terra firme,  
onde casa não pode ser navio,  
nem se esteja sujeito

às caprichosas emoções do rio).  
O barco passando, e meus olhos sofrendo  
da mesma miséria da mesma miséria  
que vêem.  
E, de repente  
me vem uma vontade provisória  
de encher os bolsos de demagogia,  
entrar em cada casa com uma estória,  
qualquer que seja – que não seja séria,  
falar de tudo – menos de miséria,  
prometer coisas que não cumprirei,  
como se faz em tempo de eleições,  
para que sejam menos infelizes  
(enquanto o rio esconde as roças podres),  
mastigando ilusões.

O rio faz-se a imagem resultante “dos amplos e amorosíssimos poderes”, indiferente aos mártires da enchente. O eu lírico, comovido, sonha ser presidente para domar o rio e seus “dilúvios anuais”. O poeta move-se diante da dor de sua gente.

Para encerrar essa exposição dos resultados parciais desta pesquisa, trazemos um poema de autor de nossa região, Artur Gomes, datado de 1976. Nele, o Rio Paraíba do Sul compõe o material de linguagem com que o poeta exercita o ludismo verbal, sem deixar de acusar o homem que mata e pisa, como quer o poeta, as águas do rio:

*Rio/Homem*

vai Paraíba  
lava o sonho dos teus filhos,  
leva a farsa dessa vida  
dos verdes canaviais

arrasta em tuas correntezas  
no teu dorso mais-que-perfeito  
ilusões de sonhos passados  
ilusões e sonhos desfeitos

leva pedras palavras e peixes  
e  
leva o detrito dos homens  
como forma de despejo  
teu rosto não mostra cansaço  
tua boca não merece beijo

pára paraíba pára  
para comer para cobrar  
porque prossegues passando  
debaixo pontes ao porto  
velha atafona te espera  
velho pontal está morto

cobra do homem que te pisa  
promessas palavras puras  
e não entregue o teu presente  
a quem pisou na tua sorte  
cuspindo no teu peito  
apressando a tua morte

mata o homem que te mata  
fere a mão que te maltrata  
sem perda de tempo ou dó  
ergue teu braço em protesto  
mostra teu leito só  
estão pisando em tuas mágoas  
restarão restos de pó.

Para além da imagem literária do rio como paisagem geográfica e social, a pesquisa aponta para uma série plural de imagens recorrentes do rio: o rio é o confidente do eu lírico, é o espelho das emoções do sujeito e surge, em grande parte, como metáfora do destino humano. Nos resultados parciais, o rio é discurso, não apenas como texto que diz o rio em curso, curso fluvial e manancial indispensável à existência humana, mas, sobretudo, como metáfora que conota as investigações do indivíduo diante da nem sempre fluida e corrente trajetória humana.

\*\*\*

## The river: a recurrent image in 20th - century Brazilian poetry

Rita Maria de Abreu Maia  
Liana Macabu de Sousa Soares

*This article is the result of a research which is being carried out at NECEL (CEFET Campos). Its purpose is the study of the presence of rivers in twentieth-century Brazilian poetry not only as theme or landscape, but also as a verbal image that helps define the cultural relations of the individual with continental waters and the different representations of the collective space.*

**KEYWORDS:** *River. Image. Memory. Destiny. Culture.*

### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Águas e mágoas do rio São Francisco”. In: *Discursos de Primavera*. 1997. Disponível em: [www.rio.saofrancisco.nom.br](http://www.rio.saofrancisco.nom.br).

ANDRADE, Mário de. **De Paulicéia Desvairada a Café** – Poesias Completas. São Paulo: Circuito do Livro, 1992.

BERQUE, Augustin. “Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique, pour une géographie culturelle”. In: **L’Espace géographique**, v.12, n. 1.

CARVALHO, Marcos de Castro. “Momento sobre o rio (o quão formoso)”. Disponível em: [www.portalbonito.com.br](http://www.portalbonito.com.br).

CORALINA, Cora. **Rio Vermelho**. 16. ed. São Paulo: Global, 1990.

CURTIUS, Ernest Robert. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. São Paulo: Edusp: HUCITEC, 1996.

DUNCAN, James. **The city as text**. The Politics of Landscape Interpretation in the Kandyan Landscape. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

MELO NETO, João Cabral de. **O rio ou a relação da viagem que faz ao Capibaribe de sua nascente à cidade de Recife**. (1954). São Paulo: Edição da Comissão do IV Centenário de São Paulo, 2004.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e Interpretação da Obra Literária**. Coimbra: Armênio Amado, 1970.

SPINA, Segismundo. **Do Formalismo Estético Trovadorismo**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Boletim n. 30, 1996.